



Arte plumária Munduruku e Apiaká na coleção de Johann Natterer

Andreas Schlothauer

Figura 1. Coifa com cobre-nuca (*akeri kaha*), Munduruku, Rio Tapajós, Weltmuseum Wien 1255 (Coleção Johann Natterer).

Andreas Schlothauer

estudou antropologia cultural, administração de empresas e ciências políticas na Universidade de Munique, 1978-1984. Foi treinado em ciência da computação na Siemens AG, 1984-1986. Doutourou-se em ciência da computação/administração de negócios pela Universidade de Bremen, 1987-1991. Desde 1992 tem trabalhado de forma independente. Desde 2002 tem criado uma base de dados sobre arte plumária da Amazônia. Atualmente possui o registro de cerca de 15 mil objetos de reservas técnicas de 57 museus europeus e brasileiros.

Endereço: 7a Westerende, 25876 Schwabstedt, Alemanha. E-Mail: schlothauer@kunst-und-kontext.de

Hoje a maior parte dos cerca de 10.900 Munduruku ou *Wuy jugu*, como eles chamam a si mesmos, vivem em reservas oficialmente demarcadas (Terras Indígenas) no Estado do Pará na a região do Rio Tapajós (Funasa 2009; Enciclopédia povo/munduruku).

A sua língua é considerada como parte do ramo Munduruku-Tupi (Campbell, 1997: 201). Na primeira metade do século XIX, os Munduruku estavam entre os povos das terras baixas brasileiras mais conhecidas na Europa. Eles eram não só admirados por sua capacidade como guerreiros, mas antes de tudo pela beleza de sua arte plumária, suas tatuagens artísticas e seus troféus de cabeça mumificados. Seu território tradicional, à época, era maior. Eles viviam em ambas as margens do alto rio Tapajós, bem como entre os rios Tapajós e afluentes do lado direito do rio Madeira, na região do rio Canomá e do rio Abacaxi. Há mais de 100 anos o conhecimento tradicional dos Munduruku relativo à fabricação e ao uso de seus ornamentos de penas desapareceu.

A língua dos Apiaká está agrupada juntamente com as dos Kaiabi, Juma e Kawahib-Parintintin, família linguística Kawahib, do ramo da língua Tupi da família linguística Tupi-Guarani (Campbell, 1997: 200-201). Em meados do século XIX, diz-se que viviam cerca de 2.700 Apiakás nas imediações dos rios Arinos, Juruena e Teles Pires. Em meados do século XX esse número caiu para 32 pessoas (Nimuendajú 1948). Os Apiaká de hoje, cerca de 167 pessoas (Cimi 2004) ou 450-1.000 (Tempesta 2009), vivem em várias Terras Indígenas, já não falam a língua materna e perderam todo o conhecimento relativo à sua arte plumária tradicional (Enciclopédia povo/apiaka).

Os Munduruku e os Apiaká em relatórios dos séculos XVIII e XIX

O vigário-geral do então distrito de Rio Negro, José Monteiro Noronha, cita em seu relato de viagem de 1768, pela primeira vez, uma tribo chamada "Manturucu" no rio Mauhés. No final dos conflitos armados do século XVIII, desdorado entre os Munduruku e a população neo-brasileira no baixo rio Tapajós, os Munduruku, novamente, perderam parte de seu território tradicional e foram empurrados para o interior. Naquele tempo os Munduruku também se estabeleceram na margem oriental do rio Madeira, onde em 1788 atacaram os membros de uma expedição portuguesa dirigida pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que, infelizmente, não faz referência a novos contatos com eles. A paz entre os neo-brasileiros e os Munduruku, que aconteceu após encontros conflitantes, foi um processo que durou por muitos anos. Chegou ao fim, o mais tardar, em 1803 com a criação da primeira aldeia missionária, Santa Cruz do Rio Tapajós, sete dias de viagem acima da cidade de Santarém, e de outros assentamentos missionários, o que resultou em relações comerciais permanentes entre os Munduruku e a população neo-brasileira.

Para um público europeu mais amplo os Munduruku ficaram conhecidos na década de 1820 através dos relatos de viagens da expedição bávara do botânico Carl Friedrich Philipp Martius e do zoólogo Johann Baptist Spix. De acordo com seus relatórios, os Munduruku, no Brasil, eram pouco conhecidos pelo nome, mesmo antes de 1770, quando surgiram inúmeras facções ao longo do rio Tapajós, que destruíram os assentamentos neo-brasileiros, e se tornaram tão temidos que tropas foram enviadas para combate-los. Esses resistiram com grande intrepidez (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1338).

Eles vivem em grande número - ovi dizer que a tribo tem de 18 até 40 mil cabeças - ao longo do rio Tapajós, a leste e oeste dele ... (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1313).

Martius relata que em sua viagem de retorno ele visitou os Munduruku na região da missão Novo Monte Carmel do Canomá no rio Canomá, baixo rio Madeira. Nessas imediações viviam cerca de mil Mundurukus e ele escreve sobre uma "estadia de cinco dias" com permanência até 25 de março de 1820. Viajava à frente em um barco de caça menor (montaria). Era seguido por seu companheiro de viagem, gravemente enfermo, Spix em um barco maior: Era previsível que nosso veículo pesado conseguiria chegar, lentamente, somente até Canomá, a primeira missão dos Mundrucús. Por isso apressei-me a ir lá com antecedência em uma montaria lotada com quatro índios e um caçador, para permanecer por um longo período de tempo entre esses índios que são citados como uma das tribos mais poderosas e peculiares de toda província de Rio Negro" (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1307).

Após a chegada de Spix, na noite de 24 de março eles partiram no início da manhã de 25 de março. Mais uma vez Martius viajou sozinho com antecedência e à noite chegou à povoação dos Mauhés onde "Mundrucús e Mauhés" estavam vivendo "entre si" (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1318).

Comparando-se, os contatos do viajante austríaco Johann Natterer com os Munduruku são bem menos documentados. O seu diário de viagem foi perdido (provavelmente consumido por um incêndio em 1848), as fontes mais importantes são suas cartas, listas de envio e de entrada de objetos, o inventário do museu (Heger 1882), e um itinerário compilado pelo ornitólogo August von Pelzeln (1971: I-XX) com base na coleção zoológica de Natterer. Em 21 de dezembro de 1823 Natterer chegou à cidade de Cuiabá, onde permaneceu até junho de 1825. Estava seriamente enfermo. Em Cuiabá adquiriu, pela primeira vez, ornamentos plumários dos Munduruku que viviam "ao longo de ambas as margens do rio Tapajós, na chamada campina, as estepes entre esse rio e o rio Canomá, e no rio Abacaxi." (Heger 1882). Em uma carta a Karl von Schreibers, datada de 18 de dezembro de 1824, Natterer escreveu sobre a origem desses itens: "As coisas dos Mundurucus e Apiacás eu negocieei do cap. [itão Antônio] Peixoto".¹



Figura 2: "Índio de tribo não identificada" (Ferreira (1972: pl. 102).

Natterer conheceu o oficial brasileiro Antônio Peixoto de Azevedo, durante uma estadia no Paraná, na primavera de 1823 "Peixoto estava doente e Natterer pôde curá-lo por meio de seus medicamentos" (Schmutzer 2011: 142-143). Numa outra carta de 18/25 de fevereiro de 1825 Natterer (1825b) informou sobre a viagem de Peixoto em 1819 ao rio Paranatinga onde ele visitou os Munduruku. Uma segunda fonte independente evidência que essas viagens ocorreram de fato. Em seu diário o pintor Hércules Florence escreveu em 14 abril de 1828, por ocasião da sua visita a uma grande aldeia dos Apiaká: "Vimos cães, dois, três porcos, algumas galinhas e patos, que haviam sido introduzidos há cerca de 10 anos por um português chamado Peixoto, um homem empreendedor, que ainda trouxe um belo cavalo para esta região e que fez a viagem várias vezes." (Florence, 1948: 268). Outra fonte, José da Silva Guimarães, menciona que em 1818 Peixoto conheceu os Apiaká em seu caminho para o Pará e trouxe sete deles para a cidade de Cuiabá (Guimarães 1844: 298). Em conexão com várias peles de ave, agora na coleção ornitológica do Museu de História Natural de Viena, Natterer refere-se a encontros com o seu fornecedor "Capitão Peixoto", em Cuiabá, no período entre outubro de 1824 e abril 1825 (Pelzeln 1871: 135, 202, 255, 260). Conclui-se, portanto que diversos contatos regulares foram feitos em 1824/1825. É provável que até mesmo os objetos, supostamente dos Munduruku "no rio Tapajós", que chegaram em Viena, em setembro de 1827, foram coletados por Peixoto tendo em vista que Natterer chegou a Borba, no rio Madeira, nas proximidades de algumas aldeias dos Munduruku, somente em 24 de novembro de 1829, onde permaneceu até 25 de agosto de 1830 (Pelzeln 1871: XII). Embora ele possa ter visitado os Munduruku de Borba onde, em tal ocasião, adquiriu objetos adicionais. Essas visitas não estão listadas no itinerário compilado por Pelzeln. Foi apenas um dia após sua partida de Borba, em 26 de agosto 1830, que, pela primeira e única vez, fez referência a uma visita em uma aldeia Munduruku: "à noite desembarque na Muri'i-muriituba, a maloca dos índios Mundrucú" (Pelzeln 1871: XIII).

Durante a segunda estadia de Natterer em Cuiabá, no outono de 1827, ocorreu um encontro com a expedição russa liderada pelo explorador alemão Georg Heinrich von Langsdorff. Seus membros já estavam na cidade desde janeiro de 1827, ao passo que Natterer chegou em 26 de outubro de 1827. Três membros da expedição, Langsdorff, Florence e o cartógrafo Rubzov partiram de Cuiabá em 5 de dezembro de 1827 para atingir o Amazonas através dos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós. A expedição russa encontrou Mundurukus, pela primeira vez, no rio Tapajós em

¹ De Johann Natterer para Karl von Schreibers, 18 de dezembro de 1824 (Weltmuseum Viena, arquivo, Natterer, sem assinatura); Natterer para Schreibers, 18/25 fevereiro 1825 (Weltmuseum Viena, arquivo, Natterer, 18 / 1-4); as duas cartas foram parcialmente publicados na revista de Viena „Zeitschrift für Kunst Wiener, Literatur, Theater und Mode 115“, 24 de setembro de 1825, 957-959). Essas peças chegaram em Viena em 1825 (embora, aparentemente, nenhuma lista de envio tenha sido preservada). No entanto, as listas desses itens Munduruku estão disponíveis, chegaram com a oitava remessa em setembro de 1827 e foram designadas como dos Munduruku "no rio Tapajós" (Natterer 1825, 1827). Um terceiro grupo, expedido de Borba em 30 de maio de 1830, chegou a Viena em 11 de maio de 1831 (Natterer 1831).

junho de 1828. No entanto Langsdorff já estava tão gravemente doente que foi incapaz de produzir qualquer registro escrito (Berthels 1979: 254; Šprincin 1950: 95). Apenas o pintor Hércules Florence ainda manteve seu diário e fez desenhos. Em sua crônica, publicada pela primeira vez em 1875, observa vários encontros com grupos Munduruku e descreve, por exemplo, suas tatuagens, brincos e penteado, mas não fala sobre seus ornamentos de penas (Florence, 1948: 304). A permanência da expedição Langsdorff no território dos Apiaká data de abril de 1828; em 11 de abril a expedição chegou à primeira aldeia dos Apiaká no baixo rio Arinos. Em 26 de abril os exploradores deixaram a última povoação do rio Juruena. As provas desses encontros estão nos diários de Florence e Langsdorff (esse último apenas parcialmente publicado pela Šprincin), e pelos prominentes desenhos de Florence. Caso contrário, os Apiaká do século XIX não foram descritos mais detalhadamente; apenas José da Silva Guimarães (1844: 298ff) fornece algumas informações sobre seus costumes e sobre sua língua em relação a três visitas de Apiakás em Cuiabá e Barão de Villa Bella entre 1818 e 1820.

Vários exploradores da segunda metade do século XIX relataram sobre seus encontros com Mundurukus. O naturalista italiano Gaetano Osculati conheceu Mundurukus em 1848 em Taituba e Canomá. Foram coletados alguns artefatos plumários (Osculati 1854: 263). Edwards, um entomologista americano, menciona-os sob a designação de "Índios Tapajós", mas os detalhes que ele descreve demonstram que fala dos Munduruku (Edwards 1847: 130f). O naturalista Inglês Henry Walter Bates, por exemplo, assistiu a um desfile de cerca de 100 Mundurukus em Santarém. Ele também visitou uma aldeia Munduruku no alto Tapajós em agosto de 1852 (Bates 1962: 209). Em 1861, o engenheiro Inglês William Chandless viajou pelos rios Tapajós e Arinos, em nome da *Royal Geographical Society* e também permaneceu lá nas aldeias dos Munduruku (Chandless 1862: 276-277, 1870: 424) e dos Apiaká (Chandless 1862: 273). Finalmente, em dezembro de 1865, o naturalista suíço-americano Louis Agassiz encontrou alguns Munduruku no rio Maué-Assú (Agassiz 1869: 308ff). Ele estava acompanhado pelo geólogo canadense Charles Frederic Hartt, que em 1870/71 permaneceu, pela segunda vez, no rio Tapajós (Hartt 1885: 131). Em 1870 o italiano, frei capuchinho, Pelino de Castrovalva e o frei Antônio de Albano estabeleceram uma missão no alto Tapajós, que em 1872 foi visitada pelo naturalista brasileiro João Barbosa Rodrigues (1875, 1882). Apenas três anos depois, em 1875, o brasileiro engenheiro Antônio Manoel Gonçalves Tocantins (1877: 149-154) adentrou a área enquanto em 1895, o geógrafo francês Henri Coudreau (1897) viajou pelo rio Tapajós.

Em resumo, pode dizer-se que até 1820 praticamente nenhuma informação sobre os Munduruku foi registrada. Os primeiros relatos de naturalistas viajantes datam do período entre 1820 e 1830, no entanto, nem Martius e Spix, nem os membros da Expedição Langsdorff, que esteve gravemente enferma, foram capazes de realizar observações com profundidade no decurso dos poucos dias de suas respectivas estadias. As visitas de Agassiz, Bates, Chandless, e Hartt, no período entre 1851 e 1865 foram igualmente muito curtas e seu interesse era apenas superficial. Natterer recebeu as informações mais significativas do oficial brasileiro Peixoto de Azevedo. Pode-se excluir a hipótese de ter acontecido uma visita em uma aldeia Apiaká ou Munduruku com duração de vários dias. Somente na década de 1870 houve descrições detalhadas de Tocantins e de Barbosa Rodrigues. Barbosa é o único autor que foi capaz de testemunhar uma festa de guerra celebrada pelos Munduruku em conexão com a festa caça-cabeça. Embora não tenha sido citado por ele, deduz-se que usou informações orais recebidas dos capuchinhos italianos. Em 1952/53 o antropólogo cultural americano Robert F. Murphy fez uma tentativa de reconstruir os rituais caça-cabeça dos Munduruku. No entanto, as informações foram repassadas somente por alguns velhos, remanescentes, que haviam participado das cerimônias em tempos passados. As campanhas de guerra e os rituais de caça-cabeça chegaram ao fim, o mais tardar, em 1911 com a nova chegada dos missionários (franciscanos). As festas perderam o seu significado e os conhecimentos relacionados com a produção e o uso de ornamentos plumários desapareceram juntamente com os troféus de cabeça.

O corpo de informações do século XIX é escasso e, muitas delas são, em parte, contraditórias. Fontes independentes são as de Natterer, de Florence, e de Barbosa Rodrigues. Tendo-se em vista que os diários de campo de Florence foram publicados pela primeira vez em 1875. Ao menos a primeira publicação de Barbosa Rodrigues, também publicada em 1875, pode ser considerada uma fonte independente. Alguns dados da coleção de Natterer foram usados, em parte, por Martius (1867:389), no entanto, sem reconhecimento da fonte. Contudo os dados de Natterer têm a qualidade de uma terceira fonte independente. As contribuições de Barbosa Rodrigues não foram mencionadas por Murphy - aparentemente eram desconhecidas para ele. Assim, Murphy é uma fonte independente de Barbosa Rodrigues. Dados da coleção de Natterer foram igualmente desconhecidos para Murphy.

Ornamentos plumários dos Munduruku e Apiaká em: textos, imagens, e coleções

Na primeira metade do século XIX, os Munduruku se tornaram famosos na Europa devido à qualidade de sua arte plumária. Por um lado devido à exposição de espécimes em Viena, em Berlim e em Munique desde a década de 1820 e, por outro, graças à larga leitura dos contos das viagens de Spix e Martius:

„No entanto, esses índios, juntamente com o Mauhés são os maiores artistas de arte plumária. Seus cetros, cocares, capas, guirlandas vários côvados de borlas, que eles usam sobre os ombros como uma mantilha durante as danças, e aventais de avestruz² e outras penas usadas ao redor dos lombos competem com os mais delicados trabalhos desse tipo nos conventos de Portugal, Bahia, e Madeira. (...) As penas são classificadas com muito cuidado pelos Mundrucús, amarradas, ou coladas umas às outras com cera.“ (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1312).

Agradecemos a Ferreira o que é, provavelmente, a mais antiga representação de um Munduruku, embora, até agora, não tenha sido identificada como tal. O fólio 102 do seu livro *Viagem Filosófica* (Ferreira 1972) mostra um "índio de uma tribo desconhecida" (Fig. 2). Em sua mão ele segura uma flecha e um cetro de pena. Em sua cabeça veste uma touca, e, além disso, seu lábio inferior foi perfurado no meio. Apesar de o relator não saber bem como representar as penas da cabeça, que se parecem com um gorro de pele, o cetro de pena pode ser, sem dúvida, identificado como de um Munduruku, e o buraco no o lábio inferior também é típico. Além disso, o trabalho de Ferreira ilustra uma lança cerimonial dos Munduruku ou Apiaká, bem como uma trombeta Munduruku.

Os primeiros ornamentos de penas Munduruku documentados alcançaram a Europa, o mais tardar em 1784. Hoje a coleção de Ferreira em Lisboa e em Coimbra inclui pelo menos três coifas com cobre-nuca (Br168, Br179, BR 183), quatro grinaldas (Br143, Br154, Br178, Br179), uma bandoleira emplumada (Br153), um cetro de madeira (ACL verde279), três lanças cerimoniais (Br196-198), e 17 trombetas (Hartmann, 1994: 114-124; Monteiro Soares e Ferrão 2005, 1: 124-125, 166-167, 190; 2: 56-57, 64-67, 133-139, 142-145). A cabeça-troféu mumificada ornamentada com penas foi recebida pelo antropólogo Göttingen Blumenbach em 1805 e se tornou o que provavelmente é a peça Munduruku mais conhecida do século XIX (Schlothauer 2012).

Peças adicionais Munduruku foram levadas para Berlim entre 1806 e 1812. Desde 1801 Friedrich Wilhelm Sieber recebeu a recomendação de Johann Centurius von Hoffmannsegg de coletar no Brasil animais, principalmente insetos e plantas. Durante esse período também foram adquiridos objetos etnográficos (Stresemann 1950: 43-51). Em 1818 Hoffmannsegg legou suas coleções para o museu Royal-Prussiano; hoje esses artefatos estão no Museu Etnológico de Berlim (EMB; catálogo do Ethnologisches Museum Berlin). Há dez cetros (EMB VB36-39, 41-44, 46, 47), três bandoleiras emplumadas (VB52-54), três coifas com cobre-nuca (VB96, 98, 99), quatro grinaldas com cobre-nuca (VB147,³ 148-150) e uma trombeta (VB136). Em 1818, foi observado no catálogo doze cetros (VB40, 45 estão desaparecidos), quatro coifas (VB97 está faltando), e duas trombetas (VB137 está ausente).

Embora Martius não fosse um desenhista talentoso ou pintor, seus esboços são, contudo, fontes valiosas como as primeiras ilustrações Munduruku documentadas com segurança, feitas no local. Deve-se ter em mente que as gravuras que acompanham os contos da viagem foram feitas apenas após o retorno da expedição a Munique e, possivelmente, não são confiáveis. Objetos trazidos do Brasil estão corretamente representados, mas outros detalhes, por exemplo, desenhos de ornamentos de penas usados no corpo, foram baseados em comunicações orais por Martius. A figura mais conhecida, mostrando dois Mundurukus dançando, diz respeito à Visita, observada acima, da aldeia missão Povoação dos Mauhés em 25 de março de 1820:

„Quando os índios nos viram remando em direção a eles, saíram de suas grandes cabanas cônicas e dançaram para nós em saltos selvagens, vestindo uma capa de plumas sobre suas cabeças, longos enfeites de penas pendurados nas costas, agitando nas mãos um cetro cilíndrico de penas.“ (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1311)

O texto e a imagem concordam na medida em que os Munduruku estão vestindo coifas de plumas e cada um está segurando um cetro de pena na mão esquerda. Além disso, a ilustração também mostra adornos de penas amarrados ao redor do pescoço e caindo em toda a parte superior do corpo, ao passo que o texto se refere apenas ao pescoço. No fundo há uma cabeça-troféu sobre uma vara. Não há outros ornamentos de penas mencionados ou ilustrados. Mundurukus, uma vez com e uma vez sem uma coifa de penas, também são mostrados em duas outras ilustrações (Spix e Martius 1823-1831, atlas: Imagem 32 "Índios"; Figura 3). Das 30 peças Munduruku coletadas pelos dois exploradores 27 estão, atualmente, no Museu de Etnologia de Munique (Staatliches Museum für Völkerkunde München - SMVM), mas há também duas peças em Viena (cetro 179769, bandoleira emplumada 179770) e uma bandoleira emplumada em Frankfurt do Meno (40572, anteriormente SMVM 369)⁴. O grupo de Munique é composto

2 O uso de "penas de avestruz" pelos Munduruku não pôde, até o momento, ser verificado em nenhum objeto dos museus.

3 O cocar VB147 era, até agora, considerado como desaparecido. No entanto, existe um cocar sob o código "VB157?", com a seguinte etiqueta: "Para ser considerado como sem número: sem número n. 38! pois outro adorno correspondente seria mais bem classificado como n. VB157 (cocar do Rio Branco)." Eu deduzo que esse é o item VB147 que faltava da coleção Hoffmannsegg. Assim os quatro cocares estariam disponíveis. O museu não tem conhecimento desse fato.

4 As peças de Viena foram apresentadas ao museu em 2002 por Christine Spitzky, uma tataraneta de Martius. O museu em Frankfurt recebeu o objeto através de uma troca com Munique (em conjunto, entre outros, com dois cetros de penas Munduruku da coleção Leuchtenberg).



Figura 3: Munduruku usando coifa com cobre-nuca. Litografia colorida em Spix e Martius 1823-1831, Atlas: pl. 32.

Figura 4: Jean-Baptiste Debret, "Manteaux et sceptres. Instrumens de musique" [Manto e cetros. Instrumentos musicais]. Litografia colorida a partir de um desenho de Debret de objetos do Museu Nacional, no Rio de Janeiro (Debret 1834, 1: pl. 33). De origem Munduruku são o cetro (canto superior direito 1), as bandoleiras emplumadas (acima 3, 5), o enfeite de braço (acima 6) e a trombeta (abaixo 1). Segundo Debret (1834, 1: 52) o cetro era do "Coroado" ou Munduruku, as bandoleiras emplumadas (3) dos Munduruku, a bandoleira emplumada (5) de "um chefe do Coroado", o enfeite de braço e a trombeta do Coroado. O manto havaiano, que foi um presente do rei do Havai para Pedro I (acima 4), foi atribuído aos "selvagens da província do Pará".



por nove cetros (SMVM 287, 289-293, 323d, 325d, 416), duas coifas (260, 261), cinco bandoleiras emplumadas (251, 252, 253, 254, 255), quatro braçadeiras emplumadas (272 [um par], 251a,b), duas tornozeleiras (272a [um par]), uma lança cerimonial (675), duas trombetas (470, 471), e duas cabeças-troféus (543, 544). Esse inventário é, em parte, baseado na minha análise da coleção em 2007 e 2008. Fui capaz de identificar objetos na coleção que estavam sem códigos (252, 254 [parte], 416), e em um caso eu corrigi a classificação do objeto para a parte do corpo em que o ornamento estava descrito para ser usado (agora tornozelo, em vez de joelho). As seguintes peças Munduruku foram, erroneamente, atribuídas por Martius para outro grupo étnico: 272 = Juri, 323d = Miranha, 325d = Miranha. O erro já havia sido reconhecido e corrigido por Zerries (1980: 185, 190). A atribuição por Martius de grinalda (271) para os Munduruku é errônea. A peça pode ser oriunda do noroeste da Amazônia. Não tenho ciência de exemplos comparativos. Zerries não corrigiu esse erro.

Os ornamentos de penas (26 itens) trazidos pela expedição Langsdorff estão no Museu de Antropologia e Etnografia (*Museum of Anthropology and Ethnography* - MAE) da Câmara de Arte de São Petersburgo (Manizer 1967: 154-207, figura 55-61.): um cabeça-troféu (MAE 2445-?; Gilsen 1918: 351-358)⁵, três coifas (MAE 764-31, -35, -68), oito bandoleiras emplumadas (incluindo três pretas, um amarelo e dois vermelhos; MAE 764-72-77, 765-17, -19), três cetros (MAE 764-36, -37, -69), um cinto (MAE 764-39), três braçadeiras emplumadas (MAE 764-31-33), duas pulseiras (MAE 764-70), e cinco jarreteiras (MAE 764-26-30). A atribuição de cada um dos ornamentos de penas para uma parte específica do corpo, aparentemente, não remete a Langsdorff, mas foi feita por Manizer.

5 Na ilustração "Visita dos Munduruku ao acampamento de Tucurizal" um dos membros da expedição, na ponta do lado esquerda está, possivelmente, segurando essa cabeça (Florence, 1948: 308)



Figura 5: Hércules Florence, „Tucháua, Mandurucu em costume de fête" [Munduruku em traje festivo]. Santarém, agosto de 1828.

Algumas das ilustrações produzidas pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, que viveu no Brasil entre 1816 e 1831, também mostram ornamentos de penas Munduruku, que ele desenhou a partir das peças originais no Museu Nacional, no Rio de Janeiro (Debret 1834, 1: 43, 52). As peças: cetros, bandoleiras emplumadas, braçadeira, trombeta (pl. 33; Fig. 4), coifa (pl. 29-1), e duas cabeças-troféus (pl. 28-10,-11) foram fielmente representadas. Suas composições cênicas, no entanto, foram baseadas em imagens publicadas por outros autores (por exemplo, von Wied ou Martius), ou são apenas produtos da imaginação. Duas ilustrações foram feitas para mostrarem as feições do "Coroado" e uma trombeta Munduruku (Debret 1834, 1: Pl. 11, 12), um deles também usando uma braçadeira emplumada Munduruku e jarreteiras (pl. 11). Provavelmente a ilustração mais conhecida de Debret mostra o enterro de uma múmia em uma urna (pl. 4), que dizem ser do "Coroado." Parte dos enfeites de penas (cetro, cabeça-troféu, roseta auricular, bandoleiras emplumadas, e jarreteiras), no entanto, são peças Munduruku. (O que é mostrado aqui como uma jarreteira é na verdade a parte do cobre-nuca de uma coifa.)

Os desenhos de Hércules Florence são documentos únicos e ilustram como os Munduruku e Apiaká usavam seus ornamentos de penas no corpo. Entre os Apiaká esses incluíam pelo menos a lança cerimonial, a coroa radial, os brincos emplumados, o cinto, as braçadeiras, as pulseiras, as jarreteiras, as tornozeleiras e o cetro. Não é possível discernir claramente se o cinto, assim como os adornos dos braços e das pernas, eram enfeitados com penas. Na descrição de seu desenho, até o momento, publicado apenas em russo, Florence refere-se a mais detalhes: "Os ornamentos usados nos pulsos e nos tornozelos são feitos com fibras de cipó e tingidos com

urucum (...) Os cordões usados no cabelo e no pescoço, habilmente manufaturados, são tecidos de algodão. Nos ouvidos eles estão usando pequenos tubos de casca de árvore. Os adornos da perna também são de algodão. (...) Os discos planos usados para deformar suas orelhas são de madeira. O colar é composto de garras secas decoradas com feixes de algodão." (Šprincin 1950: 88) Em seu diário Florence descreve essencialmente a tatuagem e a pintura corporal, ao passo que ornamentos de penas são citados de forma breve e geral: "Seus ornamentos plumários são montados como obras de arte e têm cores radiantes. Para essa finalidade eles utilizam muito bem penas coloridas de araras azuis, amarelas, vermelhas e roxas. Também usam as de papagaios verdes e de vários outros pássaros bonitos." (Florence, 1948: 264)

Em 13 de abril de 1828 Langsdorff fez uma anotação lacônica em seu diário: "Tanto os homens quanto as mulheres estavam ornamentados: penas, anéis de braço e de perna bem justos, colares, adornos auriculares de diversos tipos; faixas de cabelo raspadas em torno da cabeça, os cabelos, em grande parte, cortados bem curtos (Tita – cabeça)." (Šprincin 1950: 89) Somente as excelentes ilustrações de Florence mostraram a qualidade e a alegria das cores dos ornamentos de penas.

A forma como os Munduruku estavam usando seus ornamentos de penas em seu corpo é transmitida pela ilustração colorida feita em agosto de 1828 na cidade de Santarém, na foz do rio Tapajós, na Amazônia (Figura 5). É a única ilustração colorida conhecida e mostra um líder Munduruku (*tucháua*). Ele está vestindo uma coifa de algodão decorado com penas e uma cobre-nuca. Várias bandoleiras caem obliquamente do ombro direito para o quadril esquerdo, enquanto um cinto de algodão decorado com penas está amarrado na cintura. Pares de penas estão fixados na parte

Figura 6:
"Índio Mundurucu" [Índio Mundurucu]. Gravura em madeira, Barbosa Rodrigues (1882: 28).



Figura 7:
"Selvaggia Mundrucus" [Mundurucu selvagem (feminino)]. (Osculati 1854: pl. XIV, fig. 1, à direita).



superior do braço, no pulso, e abaixo do joelho, assim como há bandoleiras de penas fixadas em torno dos tornozelos. Na mão direita ele segura um cetro. Mundurucus também são destaque - mas sem ornamentos plumários - em alguns outros retratos e esboços de campo feitos pelo artista. No entanto tatuagem e/ou a pintura corporal são evidentes.

A correção da representação é confirmada em três gravuras, uma em Osculati (. 1.854.: Pl XIV, fig. 1 direita; fig.7)⁶ e duas em Barbosa Rodrigues (1882)⁷, que acompanham a "Exposição Antropológica", organizada pelo Museu Nacional no Rio de Janeiro. Uma das gravuras mostra um Mundurucu, homem que usava enfeites de penas (Barbosa Rodrigues 1882: 28). Embora o guerreiro pose graciosamente como um modelo grego, pode-se claramente discernir que os ornamentos plumários estão ligados às partes do corpo já citadas acima. O objeto alongado em sua mão direita não é um guarda-chuva, e sim um cetro de penas. Na mão esquerda, o guerreiro está segurando uma vara com uma cabeça-troféu colocada na sua extremidade (Fig. 6).

A segunda gravação mostra uma cena de uma festa (Barbosa Rodrigues 1882: 45). Homens ornamentados estão em volta de uma mulher que segura um cetro de penas em cada mão e está vestindo bandoleiras emplumadas ao redor da parte superior do seu corpo, enquanto o homem amarra um cinto em sua cintura. Outra ilustração desse cinto mostra claramente que os dentes estão ligados a ele. No fundo os participantes masculinos da cerimônia estão retratados trajando enfeites de pena na cabeça, na parte superior do corpo, nos quadris, na parte superior do braço, nos pulsos, nos joelhos e nos tornozelos. O texto que acompanha a ilustração afirma: "*Depois os feridos foram honrados e receberam os cintos preparados para eles. Três mulheres também foram homenageadas, uma de cada família [ao invés do clã, autor], em conformidade com as cores preto, branco e vermelho, que receberam a compensação como irmãs no lugar dos mortos, o que representa as viúvas de cada família. Eles aparecem vestidos com um colar de dentes de animais usado por todos nesse dia, e com o carurape. Em suas mãos estão segurando duas putás: uma de um de seus antepassados e uma de um dos mortos.*" (Barbosa Rodrigues 1875: 148)

⁶ Para o período de 20 to 30 de março de 1848 Osculati (1854: 263, 275) observa um encontro com Mundurucus nas aldeias Taituba e Canomá, bem como a aquisição de ornamentos de pena e armas. Sua lista da coleção inclui como „*Ornamenti maschili*" uma coifa ("*berretto*", n. 45) " e dois cetros dos "Mundurucu del rio Tapayos". Além de dois quadros (pl. XV, no: 8; pl. XIII.) mostra uma típica trombeta Mundurucu, no entanto, atribuída erroneamente aos Anckuterer ou Encabellados [Secoya] ("*Strumenti musicali*. 31. *Bobona, o gran tromba dei capi-tribù degli Anckuterer*").

Na ilustração de um Mundurucu com enfeites plumários (pl. XIV, fig. 1, à direita) existe a versão em preto e branco e a versão colorida. A representação exata do cetro e da capa indica que o artista deve ter conhecido os objetos recolhidos por Osculati. Adicionalmente há cinco bandoleiras emplumadas pretas e duas vermelhas mostradas penduras na coifa que se estendem ao longo das costas. Há cordões na parte superior dos braços, dos pulsos, dos joelhos e dos tornozelos que são mostrados como pares, mas sem detalhes que indiquem a origem Mundurucu. A saia de penas usada na cintura não se assemelha aos conhecidos cintos Mundurucu. O artista pode ter sido inspirado por uma das ilustrações "Visita entre os Mundrucús" em Spix e Martius (1823-1831, Atlas, pl. 34)

Pode-se supor que Barbosa Rodrigues desconhecia os desenhos de Florence, cujo diário ilustrado só foi publicado em 1875, o mesmo ano em que Barbosa Rodrigues publicou seu praticamente desconhecido "Exploração e Estudo do Valle do Amazonas". A seguir a designação de cada um dos ornamentos plumários segundo os Mundurucu.

Cada parte foi descrita, separadamente, em detalhes. Em vários casos foram identificadas as aves que forneceram as penas (arara [Ara sp.] e Mutum [Crax sp.]). "*Antes de continuar a descrição desta cerimônia, convém descrever o vestuário da festa. Ornamenta a cabeça com o aqui-ri-aá, uma espécie de coifa, tecida de algodão com penas do corpo de arara, de maneira que externamente fica como que avelludada, enquanto que por dentro só aparece o tecido de algodão.*

Desta coifa, da altura das orelhas para traz, pende uma espécie de babado de duas ordens de penas, da cauda da mesma arara unidas umas às outras e enfeitadas na extremidade inferior com penas miúdas de cor diferente que encobre o pescoço.

Pelos furos superiores das orelhas passam duas rozetas igualmente de penas. Cingem na cintura o tempé-á, que é uma banda feita como aqui-ri-aá, isto é, a parte que se aperta a cintura é feita de penas miúdas e della pendem quatro divisões de penas compridas, unidas e enfeitadas, que correspondem, duas aos lados e duas à frente e costas. Passam a tiracollo carurape, que é uma facha de penas, terminada por uma grande rozeta, e ornam os ombros com o báman, ou dragonas de cachos de penas miúdas; os pulsos com os ipé-á, ou pulseiras; e as curvas das pernas com os caniubiman, que são ligas com penas que encobrem as canellas, enfeitadas com cascos de fructos, para chocalhar. Nos tornozellos também levam o caniubi-cric, que é uma liga de penas miúdas, fechada por uma rozeta.

Geralmente as pulseiras e dragonas e ligas são de penas pretas de mutum e o resto do vestuário de penas azues e encarnadas.

Levam uns arcos enfeitados de penas, iraré; outras lanças, bicacá-ipé, e outros uma espécie de sceptro, putá, feito das penas mais longas da cauda da arara, unidas as pontas por uma rozeta e enfeitadas com penas miúdas na parte que prende a uma flecha, em que seguram." (Barbosa Rodrigues 1875: 147f.)

Em sua obra sinóptica *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens* Martius escreve (1867, 1: 389): "*Os seus cetros (buta), que carregam em suas mãos em ocasiões festivas, cachos rígidos cilíndricos de penas, seus ornamentos de braço (bombim manja), seus gorros (akeri), às vezes dotados de tranças de penas de arara (akeri kaha), os seus cordões e borlas com penas de arara (para-oara), que em suas danças ficam sobre os ombros como uma espécie de mantilha, pertencem aos produtos mais elegantes e mais bem trabalhados da arte plumária indígena. Eles também comercializam essas peças". Os demais acessórios de penas não são citados (cinto, jarreteiras, pulseiras, tornozeleiras) assim como lanças cerimoniais.*

Os termos Mundurucu *akeri kaha, bombim manja, buta e para-oara* usados por Martius foram citados, pela primeira vez, na lista de envio de Natterer de 7 de maio de 1825 (Natterer 1825). Martius deve ter visto essa lista e outros documentos de Natterer quando estudou a coleção de Viena entre agosto e outubro de 1847. Além disso, Martius também adotou de Natterer (1831) os termos Mundurucu para dois instrumentos de sopro, *beni e kiohoa*, onde *beni*, aparentemente, é um erro de transcrição das formas de Natterer bem ou beem.

Também é notável uma segunda concordância: "*As penas são classificadas com cuidado, amarradas ou coladas uma à outra com cera preta e preservadas em cestos ou caules cilíndricos de folhas de palmeira. Algumas aves são mantidas vivas para essa finalidade. Eles competem com os Apiaká na criação de aves. Em seus galinheiros são encontrados, além de galinhas domésticas, mutuns ou hoccas (Crax), jacus (Penelope), os urubus rei ou branco (Cathartes papa e Falco urubutinga), araras vermelha e azul, e muitos papagaios.*" (Martius 1867, 1: 389). Natterer (1825, 1827, 1831), assim como no inventário (1882) frequentemente se refere a araras, a papagaios, a mutuns e pelo menos uma vez faz menção ao urubu (*Cathartes urubutinga*) e ao jacamim (*Psophia*). Quando comparado aos relatos de viagem (Spix e Martius 1823-1831) e aos esparsos e muitas vezes imprecisos dados do inventário da coleção de Munique em 1843, é surpreendente reconhecer o súbito conhecimento ornitológico de Martius. Há poucas dúvidas de que as identificações específicas observadas foram derivadas de Natterer, embora ele não seja citado por Martius como fonte.

Outra descrição muito menos precisa desses ornamentos plumários nos foi deixada pelo entomologista Bates, que descreve um desfile de cerca de 100 Mundurucus na cidade de Santarém. Papagaio, tucano e surucuá são mencionados como fornecedores de penas.

„Muitos dos homens estavam vestidos com os magníficos cocares, túnicas e cintos, fabricados pelos Mundurucús e usados por eles em ocasiões festivas, mas as mulheres estavam nuas da cintura para cima e as crianças totalmente nuas. Todos estavam pintados e besuntados de vermelho com urucum [Bixa Orellana]. O líder assumiu o papel do Tuxaua, ou chefe, e carregava um cetro, ricamente decorado com penas alaranjadas, vermelhas e verdes de tucanos e papagaios." (Bates 1962: 212)

⁷ Aparentemente Zerries e outros autores alemães citam Barbosa Rodrigues sem tê-lo lido. Isso também pode ter ocorrido com Murphy, que ao menos não o menciona em seus livros (1958, 1960). No entanto, nos idiomas francês e italiano os resultados das investigações de Barbosa Rodrigues eram conhecidos e a referência a eles é encontrada em catálogos de museus (por exemplo, Paris, Roma).



Figura 8:
"Tete d'Indien Mauhès préparée par les Mundurucus (Rio-Arinos, Brésil)" [Cabeça de um índio Maué preparada por um Munduruku (rio Arinos, Brasil)]. Litografia de Delahaye em Castelnau (1855: frontispício).

No final de agosto e em setembro 1852 Bates visitou uma aldeia Munduruku no alto Tapajós onde comprou do tuchaúá dois cetros de penas em seus recipientes de bambu.

„Esses têm forma cilíndrica, cerca de três pés [91 centímetros] de comprimento e três polegadas [7,6 cm] de diâmetro. São usadas penas finas em sua confecção, brancas e amarelas, do peito do tucano que são coladas em hastes grossas com cera de abelha. A parte de cima é ornamentada com longas plumas da cauda de papagaios, surucuás ou outras aves. [...] “Foi muito difícil conseguir esse cetro, pois eles parecem ter uma espécie de respeito supersticioso em relação a ele. Eles confeccionam, além de cetros, ornamentos de cabeça, bandoleiras e túnicas. As penas são separadas a olho pelo contraste das cores, e os cálamos são trabalhados para dentro de um forte tecido de algodão, manufaturado com agulhas de tricô na forma requerida” (Bates 1962, 275f.).

É interessante notar o detalhe do uso de agulhas de tricô na produção. Como Bates era filho do fabricante britânico de malhas, pode-se supor que essa observação é confiável.

Em resumo, pode-se dizer que as ilustrações das obras de Florence e Barbosa Rodrigues, em grande parte, concordam entre si. A ilustração em Spix e Martius difere significativamente dessas duas fontes e, portanto não é considerada como representativa. É interessante observar que em certas festas rituais as mulheres podiam usar os cetros de penas e as bandoleiras emplumadas. Não é possível reconhecer nas ilustrações os brincos mencionados no texto de Barbosa Rodrigues. Outros desenhos e descrições evidenciam a prática dos Munduruku em perfurar dois ou três orifícios na cartilagem auricular superior para a inserção de pequenas palhetas, no entanto, sem penas.

Notas comparativas sobre ornamentos plumários dos Munduruku na Coleção Natterer

A compilação e análise sobre ornamentos plumários da Amazônia em 54 museus europeus e brasileiros resultou em um banco de dados preliminar com cerca de 620 peças⁸ dos Munduruku, a maioria das quais entrou nas coleções privadas e dos museus durante a primeira metade do século XIX. Eu diria que seria possível encontrar cerca de 100 a 150 peças caso fossem realizadas pesquisas adicionais nas coleções, pois conheço as peças de Portugal, Inglaterra, Brasil e América do Norte somente por meio de livros. Coleções maiores são encontradas nos seguintes museus: Viena (172), Paris (71), Roma (65), Estocolmo (51), Berlim (35), Munique (34), Florença (31), São Petersburgo (26), Dresden (18), Neuchâtel (18), Copenhague (17), Mannheim (16), Madrid (11), Gota (10), Genebra (9), Basileia (9), e Frankfurt sobre o Meno (7).

⁸ Não tenho certeza se fui capaz de registrar todos os itens preservados nesses museus. Outra dificuldade relaciona-se com a contagem das bandoleiras emplumadas, uma vez que essa depende de como são definidos. Uma peça consiste em dois cordões. Nos museus essas peças são preservadas, arbitrariamente, atadas em unidades. A presente contagem foi realizada a partir dos números catalogados.

Com suas 161 peças⁹ a coleção reunida por Natterer, com significativo apoio do oficial brasileiro Peixoto de Azevedo, para o museu em Viena, é a maior e mais completa coleção de ornamentos plumários Munduruku em todo o mundo – ela representa cerca de um quarto de todas as peças conhecidas hoje. Natterer distingue a sua origem como sendo "do rio Tapajós", "do rio Abacaschi" e "das redondezas de Canomá". De Cuiabá, em 18 fevereiro de 1825, Natterer escreve uma carta para seu irmão Josef:

„Deste mesmo Capitão [Peixoto] eu consegui trocar coisas magníficas, especialmente dos índios Mundurucus. Incluem-se cinco chifres corneta dos quais a medida mais longa é sete pés de comprimento, vários ornamentos de cabeça ou coifas, como perucas de penas de arara, ornamentos de braço, uma tanga de penas, lanças, arcos e flechas. Coisas parecidas seguem dos Apiakás e Bororos, bem como algo dos Parecis e também uma flecha envenenada dos Mauhés.“ (Schmutzer 2011: 143)

132 peças (coifas, grinaldas, bandoleiras, tangas, cintos, braçadeiras e pulseiras, tornozeleiras) podem ser classificadas como "ornamentos de corpo", enquanto a classe "objetos ornamentados" (lanças cerimoniais, trombetas, cabeça-troféu) inclui 29 peças.

	Unidades	Códigos do catálogo
Cetros	17	MMM 1240-1251, MVD 2757, WMW 53473-53476
Coifas	8	MMM 1252-1258, 53502
Grinaldas	6	WMW 1259-1261, 53503-52505
Bandoleiras	58	WMW 1262-1294, 53477-53501
Tanga	1	WMW 1295
Cinto	4	WMW 1296-1298, 53510
Braçadeiras	12	WMW 1299-1306, 53506-53507
Pulseiras	21	WMW 1307-1322, MVD 2816-2817, WMW 53508-53509
Tornozeleiras	5	WMW 1323-1327
Lanças cerimoniais	6	WMW 1203-1208
Trombetas	22	WMW 1209-1228, MVD 2784
Cabeça –troféu	1	WMW 1232

⁹ Incluídas neste estudo estão peças Munduruku e Apiaká predominantemente constituídas de penas ou nas quais foram fixadas penas. As flechas não foram levadas em consideração. É feita uma distinção por categorias "ornamentos corporais" usados diretamente sobre o corpo e "objetos ornamentados", ou seja, objetos os quais penas foram fixadas (por exemplo, lança, chocalho, flauta, trombeta).

	Ornamentos corporais	Objetos ornamentados	Enfeites plumários
Munduruku + Uairivait	132	29	161

133 dessas 161 peças são da coleção Natterer anteriormente exibidas no Museu Brasileiro em Viena. Quatro delas foram negociadas em 1881 a partir da reserva técnica de Viena para o Museu für Völkerkunde Dresden (MVD) - Alemanha. 28 peças pertenciam à coleção particular de Natterer e foram adquiridas pelo Museu de Viena, em 1883, de seu genro Erich Freiherr Schröckinger. Das 129 peças da coleção original do *Weltmuseum Wien* (MMM) um objeto foi trocado com o atual Museo Missionario-Etnológico do Vaticano e o *Museu der Kulturen*, Basileia, Suíça (cp. Feest 2014).

O grupo designado por Nattereras "Uairivait" e identificado como inimigos mortais dos Munduruku que viviam rio acima, na margem direita do rio Tapajós, foram, possivelmente, um subgrupo dos Munduruku: Uai-riwat = Uai-pessoas; "Ua (k) u (r) i" = jacu (Penelope pileata, um clã dos Munduruku) (Zimmermann 1963: 24). Eles são representados na coleção por um único item, um "chifre corneta" ornamentado com penas (trombeta) (WMW 1187).

Cetros (Fig. 9 a-f)

butá: "que os índios, em certas festas, carregam nas mãos" (Natterer 1825a).

Com base em uma análise (sequência de cores, aves utilizadas) em 91 cetros estudados até agora em coleções de museus, podem ser distinguidos quatro tipos básicos e um total de onze subtipos. O tipo mais frequente abrange cerca de 50% de todos os cetros e está representado com cinco peças na coleção Natterer (WMW 1240, 1241, 53473, 53475, MVD 2757). Do segundo tipo mais frequente (cerca de 15 %) detecta-se quatro exemplares (1246-1249). Do terceiro tipo mais frequente (cerca de 10 %) há um exemplar na coleção (53475). Dois tipos, cada um com dois exemplares, foram coletados somente por Natterer (1242, 1243 e 1244, 1245). Um tipo está representado por três exemplares (1250, 1251, 53474), do qual existe apenas mais um outro exemplar no *Museo Luigi Pigorini*, em Roma (83621). De acordo com o catálogo do museu (Heger 1882) nove dos cetros eram dos Munduruku do rio Tapajós (WMW 1240-1246, 1250-1251) e três do rio Abacaxi (WMW 1247-1249).

A coleção também inclui três tubos de taboca (dois com uma tampa) para o armazenamento dos cetros (taboca, WMW 1237-1239).

Coifas (Figuras. 1, 10)

akeri: "Cap" sem cobre-nuca, rio Tapajós (WMW 1252; Figura 10).

akeri kahá: "Cap", com cobre-nuca, rio Tapajós (WMW 1253-1257; Figura 1), perto de Canomá (WMW 1258), sem origem definida (WMW 53502). Em comparação com outros exemplares estudados, a coifa 1258 é especial. É feita de penas negras do mutum (*Crax alector?*), ao passo que todos os outros exemplares dessa região foram feitos de penas vermelhas-amarelas-alaranjadas de *Ara sp.* alteradas por tapiragem.

Grinaldas (Fig. 11 a-b)

akeri, akeri: "ornamento da testa" sem cobre-nuca, rio Tapajós (WMW 1259), origem desconhecida (WMW 53505).

akeri kahá: "ornamento de testa" sem cobre-nuca, rio Tapajós (WMW 1260-1261), sem origem definida (WMW 53.503-53.504).¹⁰

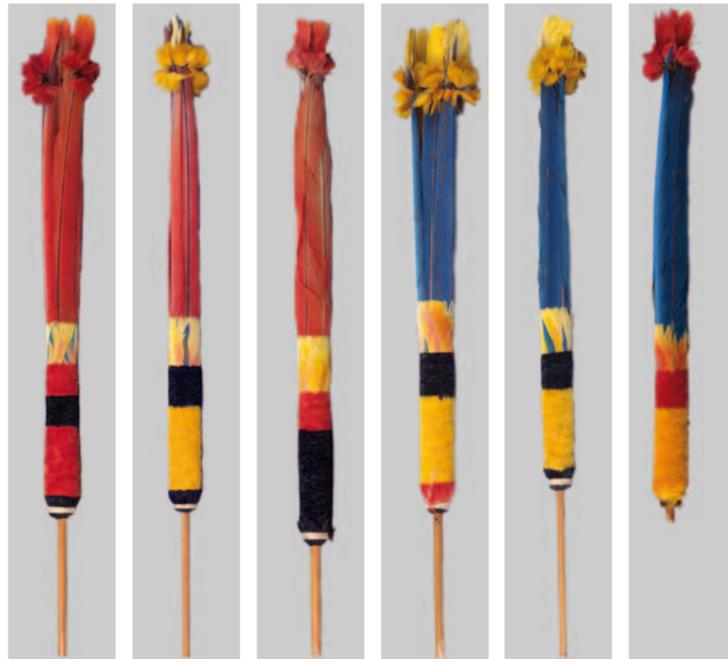


Figura 9: a-f cetros, Munduruku: (a-d) rio Tapajós, WMW 1240, 1243, 1244, 1250; (e) rio Abacaxi, WMW 1249; (f) sem procedência definida, WMW 53475.



Figura 10: Coifa, Munduruku: sem cobre-nuca (akeri), rio Tapajós. WMW 1252.



Figura 11: a-b Grinaldas, Munduruku: (a) sem cobre-nuca (akeri kahá), origem desconhecida, WMW 53505; (b) com cobre-nuca (akeri), rio Tapajós. WMW 1260.

¹⁰ Esse tipo de ornamento de cabeça não é mostrado em nenhuma das ilustrações em Martius, Florence ou Barbosa Rodrigues.



Figura 12: Bandoleiras emplumadas, Munduruku (paro-oarà), origem desconhecida. WMW 53493-53499



Figura 13: Tanga, Munduruku (garù-tát), rio Tapajós. WMW 1295.



Figura 14: Cinto, Munduruku, rio Tapajós. WMW 1296.



Figura 15: Braçadeira, Munduruku (bombim-manjà), sem origem definida. WMW 1302.

Bandoleiras emplumadas (Figura 12)

paro oarà: "A cabeça e um braço são passados pelo ornamento, que assim fica suspenso sobre um ombro em posição oblíqua no corpo"; "Em suas danças [eles] ficam suspensos transversalmente sobre um ombro e embaixo de um braço." Do rio Tapajós (WMW 1261-1269, 1273-1275, 1281-1289), a partir de Canomá (WMW 1270-1272, 1276-1280, 1290-1294) e sem procedência definida (WMW 12065, 53477-53501). Os cordões são únicos ou amarrados juntos em pares, ou em grupos de até dez.

Apron (Figura 13)

garu tát: "protetor peniano ou tanga", do rio Tapajós. Até agora, esse tipo de exemplar não foi encontrado em nenhuma outra coleção.

Cinto (Figura 14)

"Bandagem abdominal (...) usada em danças", rio Tapajós (WMW 1296-1298) e sem origem definida (WMW 53510).

Braçadeiras (Figura 15)

bobim manhá, bombim manjà: "está ligada à parte superior do braço perto do ombro" (Natterer 1825a), usados em pares. Seis pares, dos quais um é do rio Tapajós (MMM 1305-1306), os demais não têm origem definida (MMM 1299-1304, 53606ab-53607ab).



Figura 16: Pulseira, Munduruku (uitó tap), rio Tapajós. WMW 1319.



Figura 17: Tornozeleira, Munduruku (bombim-manjà), rio Tapajós. WMW 1324.

Pulseira (Figura 16)

uitó tap: "é amarrado ao redor do pulso, principalmente como ornamento, usado especialmente em festas e danças. Usado também como proteção da mão contra o revés da corda do arco". Dez pares e uma peça única do rio Tapajós (WMW 1307-1308, 1311-1322). De Canomá (WMW 1309-1310, 53509) e sem origem definida (WMW 53508, MVD 2816-2817). Pulseiras são provavelmente as peças com acabamentos de plumas em roseta nas extremidades dos cordões de algodão. Os demais eram usados nos joelhos (1309 e 1310 [par], 53508 [par], 53509 [peça única]).

Tornozeleiras (Figura 17)

"Ornamento de tornozelo": um par de um anel, um par de dois anéis, cada um, e uma peça única de dois anéis dos Munduruku dos arredores de Canomá (WMW 1323-1327).



Figura 18: Cabeça-troféu, Munduruku (pariuá-á), Canomá. WMW 1232.

Cabeça-troféu (Figura 18)

Segundo Natterer esta é a cabeça mumificada (*pariuá-á*) de um "Parintintin (...) inimigos dos Mundrucú". Ela foi „preservada como símbolo de vitória. Era exibida em uma vara quando saíam para guerrear - de Canomá". A vara apropriada (WMW 1233) "na qual a cabeça mumificada do inimigo é colocada nas festas", atualmente não pode ser localizada. O mesmo vale para outras três varas, que tinham servido à mesma finalidade (WMW 1234-1236). Para o significado da designação Parintintin ver página 153 a seguir.

Lanças cerimoniais (Figura 19 a-c)

murucú: "lança de arremesso, pique de um chefe" (WMW 1203), com um rosto humano na extremidade superior e paramento assimétrico de penas em três locais. No lado direito há três tufos de penas vermelhas-amarelas-alaranjadas, tapiragem de araras (*A. macau, ararauna, ou chloroptera*). Do lado esquerdo, respectivamente, há tufos de penas pretas de *Cracidae*. Na parte de trás está fixado um longo fio de cabelo humano preto e na boca foram colocados quatro dentes incisivos de macaco. O acondicionamento elaborado do rosto com um tecido de algodão é tão semelhante entre os Apiaká e os Munduruku que até o momento não pude detectar qualquer tipo de diferença. Esse tipo de lança cerimonial, até agora, não foi encontrada em nenhuma outra coleção e representa um exemplo de evidência muito rara de que havia a prática de entalhe entre os Munduruku.

uba-câ-câip, uba kaka hi: "lança de arremesso, pique" (WMW 1204-1206), com pele de macaco? (*Alouatta* = gênero bugio?) sob o acondicionamento de algodão. Guarnição simétrica de penas em três lugares: duas marrom-vermelho e uma preta. Acima do acondicionamento de algodão foram colocados dois tufos de penas pretas de *Cracidae*, abaixo do pelo, como coroa.

Na aresta superior da pele e abaixo do acondicionamento podem ser vistas penas de tapiragem de araras (*Ara macao, ararauna, ou chloroptera*). Além dessas seis, até agora, são conhecidas apenas outras cinco lanças, uma em Munique (SMVM 675), uma em Dresden (MVD 329) e três no Museu Peabody, Universidade de Harvard (73-9-30 / 7408, 83-14-30 / 30174, 78-5-30 / 16795).

Dois exemplares, referidos como "lanças" (MMM 1207-1208), estão sem acessórios de pele de macaco. Vários grupos de penas pretas (*Crax* sp.) estão anexados em ambos os lados acima do acondicionamento de algodão; abaixo aparece um cordão de penas de tapiragem em forma de anel (*Ara* sp.).

Trombetas (Figuras 20 a-d, 21)

A coleção de Natterer inclui quatro tipos de trombetas transversais:

bem, beem (tubo cilíndrico de madeira envolto com tiras de junco e com extremidade da frente com boca de sino coberta com tecido de algodão): "Grande corneta de sinal dos Mundurucus do rio Tapajós (...) geralmente dois homens assopram duas cornetas ao mesmo tempo, das quais uma é mais longa e a outra mais curta" (Natterer 1825a); "São sempre sopradas, simultaneamente, como primeira e segunda" (Natterer 1831); três pares (WMW 1209-1210, 1211-1212, e WMW 1214-1215 [1215 troca com o Museo Missionario-Etnologico do Vaticano]; Figura 20-a). Uma peça única, do mesmo tipo (sem designação Munduruku) foi "usada em festas e para dar sinais sonoros" entre os Munduruku do rio Tapajós (WMW 1213). Outro par do rio Tapajós (WMW 1216-1217) difere principalmente na falta da cobertura do tecido de algodão; um exemplar semelhante (sem designação) do rio Abacaxi é muito menor (WMW 1218).

Dois trombetas ("cornetas de sinal", sem designação) do rio Tapajós (WMW 1219, troca com o *Museum der Kulturen*, Basileia) e do rio Abacaxi (WMW 1220; figura 20b) diferem do bem por causa da forma bicônica afunilada e do comprimento menor. Faltam as penas na peça que ficou em Viena.

kio-haa, kiohoa (tubo fino de taquara com a parte da corneta composta por um cilindro mais largo de taboca): "instrumento de sopro" do rio Tapajós (WMW 1221, 1224; Figura 20c), originárias dos Munduruku das redondezas de Canomá (WMW 1223), e sem origem definida (WMW 1222, 1225, 1226, MVD 2784), atualmente, em parte, sem os enfeites de penas.

ko-go-gâ (taquara fina com cabaça sonora): "instrumento de sopro", sem origem definida (WMW 1227, 1228, este último atualmente sem adereços de penas; Fig. 20d).

Além disso, a coleção inclui uma "corneta" dos Uauirivait "que eles usam para imitar os rugidos das onças. Capturadas pelos Mundurucus que vivem em guerra com essa nação." (Natterer 1831; WMW 1187; Figura 21).

Martius (1867, 1: 392) resume as informações disponíveis como segue: "Durante a guerra [a casa dos homens] é guardada por uma patrulha, que dá sinais com o toré (beni), uma trombeta de zumbido rascante, ou o kioha, um apito. Por meio desse instrumento o líder, que durante a batalha permanece atrás dos guerreiros, emite suas ordens geralmente acompanhada de dois ajudantes que, simultaneamente, sopram cornetas de comprimentos diferentes."

Os termos Munduruku dos respectivos ornamentos plumários são conhecidos principalmente a partir de duas

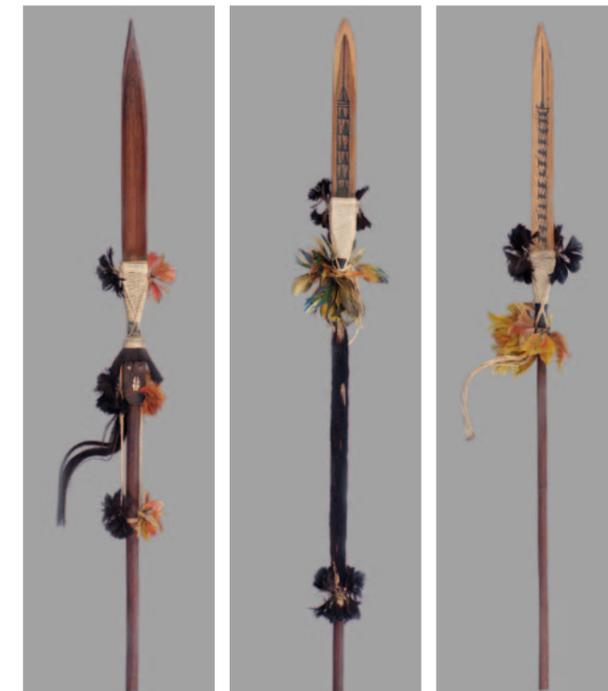


Figura 19: a-c Lanças cerimoniais, Munduruku: (a) murucú, WMW 1203; (b) uba-câ-câip, WMW 1206; (c) uba-kakahí, WMW 1207.



Figura 20 a-d trombetas transversais, Munduruku: (a) *bem*, rio Tapajós. WMW 1209. Comprimento 205 cm. (b) sem designação, rio Abacaxi. WMW 1220. Comprimento 93 cm. (c) *kio-haa*, rio Tapajós. WMW 1224. Comprimento 88 cm. (d) *ko-go-gá*, sem origem definida. WMW 1227. Comprimento 110 cm



Figura 21: Trombeta transversal, *Uairivait*. WMW 1187.

	Natterer / Peixoto (1825)	Barbosa (1885)
Cabeça-troféu	<i>pariuá-á</i>	<i>pariuá-á</i>
Coifa	<i>akeri ou akeri kaha</i>	<i>aquiri-aà</i>
Bandoleira	<i>paro oarà, karorap</i>	<i>carurape</i>
Cinto	-	<i>tempé-á</i>
Cetro	<i>butà</i>	<i>putá</i>
Braçadeira	<i>bombim manjá (manha)</i>	<i>báman</i>
Pulseira	<i>uitó tap</i>	<i>ipé-á</i>
Jarreteira	-	<i>caniubiman</i>
Tornozoleira	-	<i>caniubi-cric</i>
Lança Cerimonial	<i>uba-ca-caip, uba kakahi, murucú</i>	<i>bicacá-ipé</i>
Trombeta	<i>bem, kiohoa, ko-go-gá</i>	<i>ufuá</i>
Arco emplumado	-	<i>iraré</i>

cetro da coleção Robert Schomburgk, em Dresden (MVD 7) refere-se a *tsapupu*. Respostas definitivas para essas discrepâncias podem ser dadas somente pelos Munduruku ou por linguistas.

fontes: Natterer e Barbosa Rodrigues. Além disso, existem dados isolados nos catálogos de museus em Berlim (coleções Schomburgk e Sieber/Hoffmannsegg), e Dresden (coleção O'Byrn). As informações de Martius (1867) e Zerries (1980) não precisam ser levadas em consideração, uma vez que as informações oriundas de Natterer foram utilizadas. Os dados que acompanham a coleção no *Musée du quai Branly*, em Paris são, evidentemente, baseados em Barbosa Rodrigues.

Os termos Munduruku dados pelos dois exploradores para Cabeça-troféu, coifa, bandoleira e cetro não se contradizem. Natterer não dá designação para cinto, jarreteira e tornozoleira.

A designação *akeri-kaha* da grinalda com cobre-nuca na coleção O'Byrn em Dresden (MVD 146) pode ter sido adicionada mais tarde por um curador, assim como o termo *bambinu-manja* para a braçadeira na mesma coleção (MVD 150). (Infelizmente não foi possível consultar os livros antigos dos inventários do museu em Dresden). A designação *baman* dada por Barbosa é ilegível, mas se assemelha à de Natterer *bombim manja*. As três bandoleiras emplumadas de Natterer da coleção Sieber/Hoffmannsegg (EMB VB 52-54) são denominadas como *abundruka*, alguns dos cetros da mesma coleção (EMB VB 36-47) são chamados *nucancann*. Um

Traje de dança

O traje de dança Munduruku preservado na coleção Natterer está quase completo. Na realidade, o número de peças seria suficiente para dois trajes. Ornamentos para os joelhos não são mencionados por Natterer, mas podem estar na coleção de pulseiras.

Aves

Os Munduruku usavam quase exclusivamente penas de várias araras (*A. ararauna*, *macao*, *chloroptera*), assim como de mutum (*Crax alector*, *Mitu tuberosum*, et al.). Muito raramente, e apenas completando essas, usavam também penas de mutum pinima (*Crax fasciolata*), jacamim (*Psophia* sp), e urubu (*Cathartes* sp); todavia somente para braçadeiras, pulseiras, jarreteiras, tornozoleiras e cintos. Nunca para coifas, bandoleiras e cetros. As informações dadas por Bates sobre o uso de penas de tucano e surucuá estão, definitivamente, equivocadas, assim como as penas de avestruz mencionadas por Martius, que não são encontradas em nenhuma das peças.

Cor

Nota-se que há um uso quase exclusivo de vermelho (*Ara macao*), azul e amarelo (*Ara ararauna*), bem como preto (*Crax* sp.). Vários tons de marrom (*Mutum pinima*, *Psophia* sp.) e branco (*Cathartes urubutinga*, *Sarcoramphus papa*). As sequências de cores não são aleatórias; isto é particularmente evidente no caso dos cetros, bandoleiras e adornos de cabeça.

O uso de três cores também foi documentado por Barbosa Rodrigues, que escreve em sua primeira publicação: „A tribo é dividida em três grandes famílias, Aririchá ou brancos, Ipápacate ou vermelhos, e lasumpaguate, negros. Essas três cores são apenas convenções, porque não são cores da pele, ... mas eles se referem a um diferenças em sua descendência.“ (Barbosa Rodrigues 1875: 138)

De acordo com este texto vermelho, preto e branco deveriam ter sido as cores predominantes. A ausência de azul e amarelo é explicada em uma passagem de sua segunda publicação: „A grande tribo é dividida em três divisões ou famílias, que se distinguem apenas pela cor de suas roupas e pelo respeito demonstrado um para com o outro: o Ipápacate família (vermelho), o Aririchá (branco), e o lasumpaguate (preto). No primeiro a cor vermelha é predominante nos enfeites, na segunda é amarelo e no terceiro é azul, as cores são as das penas de várias espécies de arara criadas por eles para essa finalidade.“ (Barbosa Rodrigues 1882: 28)

A informação dada por Bates sobre o uso de penas verdes está certamente errada. Manchas de cor esverdeada bem como azul e vermelha aparecem frequentemente nas penas de tapiragem amarelo-alaranjada.

Tapiragem

A alteração artificial das cores de penas de aves vivas (tapiragem) foi de extrema importância para os Munduruku. Martius escreve:

„Muitos papagaios (...) são mantidos especialmente para esse fim. Asseguraram-me aqui que tinham o costume de arrancar as penas dos papagaios e passar o sangue de sapo sobre o local até que as penas que voltavam a crescer mudavam sua cor, especialmente de verde para amarelo.“ (Spix e Martius 1823-1831, 3: 1312, Martius 1867, 1: 389)

Algumas penas de tapiragem podem ser detectadas em quase todos os itens das coleções Natterer, principalmente da região das asas superiores (4-6 cm de comprimento). É interessante que essas penas são de várias espécies de arara (*A. ararauna*, *macao*, possivelmente também *chloroptera*) o que possibilitava obter diferentes tonalidades de cor. É discutível se foram utilizados diferentes métodos de tapiragem, como por meio de uma nutrição especial da ave viva. A tapiragem de penas da cauda é extremamente rara e só foi detectada em um cetro (WMW 1250) e em uma coifa (WMW 1254). Essa coloração original já conspícua a Natterer que foi, no entanto, incapaz de explicar. A tapiragem de papagaios (*Amazona* sp.) descrita por Martius é conhecida por ter sido praticada por outros grupos, mas eu não tenho conhecimento de qualquer evidências de sua presença entre os Munduruku.

Notas comparativas sobre penas ornamentais dos Apiaká na coleção Natterer

A arte plumária Munduruku é tecnicamente perfeita, muito estética, e frequentemente encontrada em coleções. Pelo menos tão atraentes quanto e bastante originais são as peças listadas no catálogo do museu como "Parentintin" (WMW 1138-1151) e "Apiacá" (WMW 1185-1186). Essas peças Natterer também obtive de Antônio Peixoto que, por sua vez, de acordo com os registros, havia obtido, pelo menos algumas delas dos Munduruku que as capturaram em suas guerras. Referências a essa origem são encontradas repetidamente no catálogo do museu (Heger 1882). Assim, Heger, em conexão com a lança cerimonial (WMW 1138), refere-se à designação da etiqueta de Natterer: "murucú ou pique da nação Parintintin no rio Madeira ou rio dos Marmelos, capturado pelo Mundrucús em guerras, em 1822". Na lança cerimonial (MVM 1139) se lê: "designação da etiqueta, objeto capturado por uma divisão dos Mundrucús". Para os brincos (MVM 1146-1149) "foram capturados em guerra pelos Munduruku". Nas grinaldas MVW 1141 e 1143 há uma indicação mais específica com relação ao local: "designação na etiqueta da peça: Parintintin terra adentro de Mantaurá no rio Madeira". Peixoto, como citado anteriormente, provavelmente viveu três anos com os Apiaká e tinha relações comerciais com eles. Assim pode-se partir do princípio de que algumas peças foram obtidas em uma compra direta. Uma comparação com a coleção Kawahib-Parintintin de Curt Nimuendajú (Världskulturmuseet Göteborg [VKMG] - Suécia, adquirida em 1923) e de Hermann Dengler (*Lindenmuseum Stuttgart* - Alemanha - adquirida em 1925) mostra

que não existem semelhanças com as peças plumárias da coleção Natterer (uma exceção é um braçadeira de osso, VKMG 1923.03.086). A associação incompatível pode, eventualmente, ser explicada pela distinção que os Munduruku fazem dos seres humanos: "Primeiro os Parintintin, ou seja, índios estranhos e hostis aos Munduruku. Então (...) os brasileiros. Então os negros." (Kruse, 1951: 929). Se Parintintin significa algo como "índios hostis", não faz sentido procurar por um grupo étnico de mesmo nome. Há uma referência importante encontrada na lista introdutória dos "índios selvagens" num catálogo do Museu de Viena (Heger 1882):

„25. Parintintin: vivem no rio Madeira e no rio dos Marmelos¹¹ e parecem ser apenas uma facção especial dos Apiacás do rio Tapajós. Todos os anos, os Munduruku fazem expedições contra eles para escravizá-los e para cortar cabeças para suas festas: os seguintes objetos são oriundos de uma dessas expedições. Eles caminhavam pela floresta até a região do rio Machado.“

Além disso, o catálogo número 26 citava os Marauá, "um bando Parentintin no rio Madeira" (Natterer 1831). Esses são apresentados com o número 27 Apiaká: „Vivem nas margens dos rios Arinos e Juruenna (afluentes do alto rio Tapajoz): parecem ter parentesco com os Parintintin.“

Em suas listas de palavras (Kann 1989: 116) Natterer observa que a designação "Apiaká" tenha sido atribuída a eles pelos portugueses, ao passo que eram chamados de "Parintintin" pelos Munduruku. Assim, os portugueses utilizaram a autodenominação dos Apiaká (Tempesta 2009).

Natterer enviou para Viena um total de 19 peças dos Apiaká e "Parintintin"- (Apiaká). Dessas 17 podem ser classificadas como "ornamentos corporais" e dois como "objetos ornamentados“.

	Números	Número de catálogo
Diadema horizontal	4	WMW 1140-1143
Cordão de cabeça	2	WMW 1144-1145
Brincos	7	MMM 1146-1151, MVD 2758
Pingentes de orelha	1	WMW 1152
Braçadeira de ossos	1	WMW 1153
Lança cerimonial	2	WMW 1138-1139
Apiaká		
Cocar	1	WMW 1185
Grinalda-diadema	1	WMW 1186

As peças Apiaká da coleção Natterer são incomuns em termos de preservação, de raridade e de qualidade estética. Certamente estão entre as peças mais importantes da coleção. Nove exemplos comparáveis estão na coleção Langsdorff no Museu de Antropologia e Etnografia da "Kunstkamera" em São Petersburgo (MAE), Rússia: dois cocares sem penas (764-15, -16; Manizer 1967: 44) e dois cocares com penas (764-40,-42; Manizer 1967: 43; mesmo tipo WMW 1185), seis brincos (764-1 a -6; Manizer 1967: 43; mesmo tipo WMW 1146-1151), e um cetro de pena (764-7; Manizer 1967: 47). Até o momento foram identificadas apenas quatro novas peças em outros museus: o cordão de cabeça, da coleção Virgil Helmreichen em Viena (WMW 3555), que até agora era considerada como Munduruku; um diadema (EMB VB 154) da coleção Sieber / Hoffmannsegg em Berlim que anteriormente era designada apenas como do "Brasil"; um cocar (EMB VB 17122) com entrada na coleção em 1941 (adquirido por Hans Sioli na estação da missão São Francisco do Cururu) e uma lança cerimonial do Museo Luigi Pigorini em Roma (26833), doado em 1883 por Ladislao de Souza Mello Netto, um botânico brasileiro e diretor do Museu Nacional no Rio de Janeiro entre 1874 e 1893.

Cocar, Apiaká (WMW 1185;. Figura 22)

kantitara: "Coroa de Japu, penas de arara e duas penas da jacutinga do cacique Preha.¹² As penas são amarradas no diadema trançado de cipó de forma que a grinalda de penas sustenta-se na posição vertical, nos pontos em que as coroas se sobrepõe. As penas de arara ficam no centro de testa" (Natterer 1825a). Um cocar semelhante foi coletado

¹¹ Hoje, o rio Marmelos é habitado pelos Tenharim que pertencem ao grupo linguístico Tupi-Guarani, grupo Kawahib. Apenas algumas peças, coletadas em 1993/94, estão em Dresden. Na página web da instituição brasileira Instituto Socioambiental há uma imagem de dois Tenharim com adornos plumários na cabeça. (<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tenharim/1030>). Infelizmente, o número limitado de objetos não permite uma comparação fundamentada.

¹² O termo brasileiro "japu" é usado para o gênero *Psarocolius*, e essas são provavelmente as penas amarelas da cauda do *Psarocolius decumanus*. A "jacutinga" refere-se ao peru-do-mato (*Pipile jacutinga*); aqui foram utilizadas as penas periféricas desse pássaro.



Figura 22: Cocar (*kanitara*) do chefe Preha. Apiaká. WMW 1185.



Figura 23: Grinalda, Apiaká. WMW 1186.



Figura 24: Cordão de cabeça, Parintintin- Apiaká. WMW 1144.



Figura 25: Faixa frontal, Parintintin - Apiaká. WMW 1141.

pelo biólogo Hans Sioli (EMB VB17122); duas outras peças comparáveis estão na coleção Langsdorff (MAE 764-40, -42). A atribuição também é confirmada por um desenho de Florence de um Apiaká usando tal cocar (Carelli, 1992. 78-82; cp Sepúlveda 2014: 51, figura 10).

Grinalda, Apiaká (WMW 1186; Figura 23)

Para essa peça não há exemplos comparativos nem ilustrações. As penas curtas vermelhas com traços verdes são penas do corpo de Arara chloroptera, as penas curtas sobrepostas negras são de mutum (*Crax sp.*). As 47 penas longas são da Arara ararauna (penas da cauda e das asas, azul), de Arara macao ou chloroptera (penas da cauda e das asas, vermelho), e de uma ou duas aves de rapina (penas marrom-brancas da cauda). De acordo com o catálogo (Heger 1882) as penas são de gavião real ou uiruetê, entre outras denominações, (= *Harpia harpyja*). A coloração amarela e avermelhada das longas penas azuis da cauda e das asas prova que esse tipo de tapiragem, especialmente rara, era conhecida e importante para os Apiaká. É provável que essa peça fosse amarrada à testa de forma que as penas ficassem em pé.

Cordões de cabeça, "Parintintin" - (Apiaká)

(WMW 1144-1145; Figura 24)

Uma peça com penas amarelas da cauda do japu (*Oriolus christatus*, de acordo com o catálogo do museu = *Psarocolius christatus*) e outra com penas brancas de um maguari (*Ciconia maguari*, de acordo com o catálogo). As penas de ambas as peças, provavelmente, foram presas ao diadema como no cocar Apiaká mencionado acima (MMM 1185). Na coleção de Virgil Helmreichen no *Weltmuseum Wien* (WMW 3555) há uma faixa plumária semelhante com longas penas amarelas de japu e penas pretas curtas do mutumporanga de bico vermelho (*Crax alector*); semelhante aos "Parintintin" de Natterer. Arte plumária dos Apiaká - essa peça foi coletada entre os Munduruku.

Faixa frontal, "Parintintin" - (Apiaká)

(WMW 1140-1143;. Figura 25)

Esse ornamento de cabeça é excepcional e muito raro. Semelhanças com a grinalda WMW 1186 podem ser reconhecidas, mas também as diferenças de materiais e técnicas de manufatura, as quais não podem ser discutidas aqui detalhadamente. Todas as três peças fazem uso das penas do corpo vermelho da Arara macao e/ou A. chloroptera, as penas de tapiragem amarelo-alaranjadas um pouco mais longas são oriundas das asas de várias araras (A. ararauna, macao, chloroptera). Duas peças (WMW 1141, 1142) também apresentam penas marrom-escuras das asas de aves de rapina, de acordo com o catálogo do museu, do gavião real ou Falco harpia (= *Harpia harpyja*). Até o momento fui capaz de identificar somente uma outra peça Apiaká desse tipo, uma grinalda na coleção Sieber/Hoffmannsegg em Berlim (EMB VB 154) simplesmente etiquetada como „*Brasilien, Stirnbinde, von Hoffmannsegg, 1818*“.



Figura 26: Brinco, Parintintin-Apiaká. WMW 1147.

Figura 27: Pingente de orelha, Parintintin-Apiaká. WMW 1152.

Figura 28: Braçadeira de ossos, Parintintin-Apiaká. WMW 1153.

Figura 29: Lança Cerimonial, Parintintin-Apiaká. WMW



Brinco, "Parintintin"-(Apiaká) (WMW 1146-1151, MVD 2758; Figura 26)

Com longas penas vermelhas de arara; em apenas um dos brinco estão presos dois cachos de penas curtas vermelhas de arara, semelhante aos pingentes de orelha que serão discutidos a seguir. A sequência de penas amarelas na área do meio da peça é de tucano (*Ramphastos sp.*); as penas pretas são de mutum (*Crax sp.*). Na ilustração de Florence o Apiaká à esquerda está usando brinco similares, mas com uma longa pena negra da cauda (*Harpia harpyja?*).

Pingente de orelha, "Parintintin" - (Apiaká) (WMW 1152; Figura 27)

De "duas longas penas de arara vermelha amarrados com um cordão de ráfia, (...) e algumas penas pretas de mutum". No final de uma das longas penas de arara estão presos, em ambos os lados, cachos curtos de penas de arara.

Braçadeira de ossos, "Parintintin" - (Apiaká) (WMW 1153; Figura 28)

"enfeite de braço fechado de uns 7 cm de largura composto por 59 longos ossos finos e resistentes de macaco os quais estão ligados transversalmente entre si". No centro da braçadeira está preso um feixe de penas vermelhas curtas de arara, e nos lados esquerdo e direito foram presas penas curtas de arara e de mutum, cada uma com uma longa pena de uma ave de rapina (*Harpia harpyja?*) que se estende para além dos ossos. No desenho de Florence o Apiaká à direita está, possivelmente, usando um ornamento semelhante, mas sem penas. A peça que pode ser comparada foi coletada antes de 1923 por Curt Nimuendajú entre os Kawahib-Parintintin no rio Maicy Merim e está hoje no *Värlskulturmuseet Göteborg* (1923.03.086).

Lanças cerimoniais, "Parintintin"-(Apiaká) (WMW 1138-1139; Figura 29)

murucú: "Jogando pique, geralmente a marca dos chefes." A composição dessas peças e a técnica de envolvimento com

rios de algodão, empregada na terça parte superior das lanças, se assemelha de tal forma às lanças cerimoniais dos Munduruku nas fotos da coleção Natterer que é impossível distingui-las sem uma análise minuciosa. Como faltam as penas em todas as três lanças da coleção Ferreira, até o momento, não foi possível atribuir essas peças aos Munduruku ou aos Apiaká. Provavelmente a análise dos desenhos em preto-e-branco nas pontas das lanças possam levar a uma conclusão clara. Talvez típica para os Apiaká seja também o arremate de fio de algodão abaixo da sequência de penas. As duas lanças Apiaká na coleção Natterer são muito semelhantes em sua estrutura, mas significativamente mais coloridas do que as peças dos Munduruku. As penas vermelhas são de *Arara macao* ou *chloroptera*, as negras de mutum (*Crax sp.*) e as penas de tapiragem, mais amarelo-laranjadas, de *Arara (ararauna, macao ou chloroptera)*. O desenho de Florence mostra uma lança definitivamente mais longa e ainda mais colorida.

Traje de dança

O traje de dança dos Apiaká só é conhecido por meio dos desenhos de Florence (Carelli, 1992. 78-82; cp. Sepúlveda 2014: 51, figura 10). Não existe nenhuma outra descrição. Na composição da ilustração o Apiaká, à direita, está usando um cocar, um braçadeira, e está segurando uma lança cerimonial; o homem da esquerda usa um par de brincos, um par de braçadeiras e um cetro. Não há diadema e pingente de orelha em nenhum dos desenhos. De acordo com Langsdorff os ornamentos de penas foram usados "na guerra e em bailes (...), até mesmo as armas são decoradas com penas." (Šprincin 1950: 94)

Cor

Como entre os Munduruku as únicas cores usadas são: vermelho (*Arara macao, A. chloroptera*), azul (*Arara ararauna*), amarelo (*Psarocolius sp., Ramphastos sp.*), amarelo-alaranjado (tapiragem de *Arara sp.*), bem como preto (*Crax sp.*). Há também penas listradas em marrom e branco oriundas de aves de rapina.

Aves

Foram usadas penas de diversas araras (*A. ararauna, macao, chloroptera*), bem como do mutum (*Crax sp.*). Além dessas há longas penas amarelas da cauda do japu (*Psarocolius sp.*), penas curtas amarelas do tucano (*Ramphastos sp.*), penas da asa da jacutinga (*Pipile jacutinga*), assim como penas da cauda e das asas de aves de rapina, provavelmente todas da *Harpia harpyja*. As últimas quatro aves mencionadas (*gavião real, tucano, japu, jacutinga*) não aparecem na arte plumária Munduruku. No diário de Langsdorff há dados adicionais sobre os pássaros e sobre o modo de aquisição das penas, que estão de acordo com as notas de Natterer sobre os objetos e as complementam: "Os índios se ornamentam, principalmente, com penas. Seria impossível manter essa paixão sem ter essas belas aves como animais de estimação. ...Cada ave foi retirada ainda filhote do ninho na floresta e criada por humanos. (...) Entre os pássaros estão araras azuis e vermelhas, diversos tipos de papagaios e caciques [*Psarocolius sp., Autor*]. As longas penas da cauda de araras e de caciques são especialmente cobiçadas. (...) Os adornos de testa geralmente são feitos de penas de gavião ou mutum-cavalo. Acredito que eles são muito mais valorizados do que as penas de araras e papagaios, porque têm que ser caçados." (Šprincin 1950: 94)

Tapiragem

Penas alteradas artificialmente também foram de extrema importância para os Apiaká. Especialmente quando se trata de cocares dos "Parintintin"-(Apiaká) nos quais as penas de tapiragem predominam. É interessante que essas penas são oriundas de diferentes tipos de araras (*A. ararauna, macao*, e eventualmente *chloroptera*), o que tornou possível a produção de peças com várias tonalidades de cor. Provavelmente foram utilizadas diferentes técnicas de tapiragem. Muito rara é a tapiragem de penas da cauda da arara que pode ser encontrada na Grinalda Apiaká (WMW 1186). Em 17 abril de 1828 Langsdorff escreve em seu diário: "Especialmente impressionante foi o grande número de araras vermelhas e azuis que voavam ao redor da casa. (...) De vez em quando algumas penas longas da cauda e das asas eram arrancadas. Em consequência disso a cor das asas mudava com o tempo, tornam-se amarelas, às vezes com uma borda vermelha. As penas são usadas na manufatura de ornamentos, que eu aqui (...) pude adquirir." (Šprincin 1950: 92)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **AGASSIZ, Louis and Elizabeth** 1969 *A Journey in Brazil*. New York – Washington – London.
- **BARBOSA RODRIGUES, João** 1875 *Exploração e estudo do valle do Amazonas*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional. 1882 Tribu dos Mundurucus. *Revista da Exposição Antropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinheiro.
- **BATES, Henry Walter** 1962 *The Naturalist on the River Amazons*. Berkeley – Los Angeles: University of California Press.
- **BECHER, Hans** 1987 *Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff in Brasilien*. Völkerkundliche Abhandlungen 10. Berlin: Reimer.
- **BERTHELS, D. E., B. N. Kommisarov, and T. I. Lysenko** 1979 *Materialien der Brasilien-Expedition 1821–1829 des Akademienmitgliedes Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff*. Völkerkundliche Abhandlungen 7. Berlin: Reimer.
- **CAMPBELL, Lyle** 1997 *American Indian Languages. The Historical Linguistics of Native America*. New York, NY – Oxford: Oxford University Press.
- **CARELLI, Mario** 1992 *À la Découverte de l'Amazonie. Les carnets du naturaliste Hercule Florence*. Paris: Gallimard.
- **CASTELNAU, Francis de Laporte de** 1855 *Animaux nouveaux et rares recueillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para: exécutée par ordre du gouvernement Français pendant les années 1843 à 1847. 7e partie*. Anatomie. Paris: P. Bertrand.
- **CIMI** 2004 Conselho Indigenista Missionário. 27/09/2004 – 11:44 – Povos Indígenas – Quadro Geral. <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=599&eid=292>
- **COUDREAU, Henri** 1897 *Voyage au Tapajoz*. Paris: A. Lahure.
- **DEBRET, Jean Baptiste** 1834 *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris: Firmin Didot Frères.
- **EDWARDS, William H.** 1847 *A Voyage up the River Amazon, Including a Residence at Pará*. New York: D. Appleton.
- **Enciclopédia** Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil [<http://www.socioambiental.org/prg/pib.shtm>]
- **FERREIRA, Alexandre Rodrigues** 1885–1888 *Diário da Viagem Philosophica pela Capitania do Rio Negro*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), 48(1): 1-234, 49(1): 123–288, 50(2): 11–141, 51(1): 5–166. 1972 *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão Pará*, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia. 2 volumes. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- **FLORENCE, Hércules** 1948 *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. [1875] Rio de Janeiro.
- **FUNASA** 2009 Fundação Nacional de Saúde. Edital de chamamento público N° 23/2009. http://www.funasa.gov.br/internet/linkBanner/arquivos/edt23_2009.pdf
- **GILSEN, K. K.** 1918 [Human head as war trophy among the Indians of the Mundurucu tribe (original in Russian)]. *Sbornik Muzeia Antropologii i Etnografii* 5: 351–358.
- **GUIMARÃES, José da Silva** 1844 Memórias sobre os usos, costumes e linguagem dos Apiaicás. *Revista Trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 6(23): 297–317.
- **HARTMANN, Thekla** 1994 *Memory of Amazonia: Alexandre Rodrigues Ferreira and the Viagem Philosophica in the captaincies of Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso and Cuyabá, 1783–1792*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico, Universidade de Coimbra.
- **HEGER, Franz** 1882 K.k. Naturhistorisches Hofmuseum, Anthropologisch-Ethnologische Abtheilung, Inventar A. 1806–1875, Nr. 1–2915, neue Nummern 1–4737. Angelegt von k.k. Custos Franz Heger, 19. Juli 1882. Weltmuseum Wien, Archiv.
- **KANN, Peter** 1989 Die ethnographischen Aufzeichnungen in den wiederentdeckten Wortlisten von Johann Natterer, während seiner Brasilienreise zwischen 1817–1835. *Archiv für Völkerkunde* 43: 101–146.
- **KOCH-GRÜNBERG, Theodor** 1902 Die Apiaká-Indianer (Rio Tapajós, Mato Grosso). *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 1902: (350)–(379).
- **KRUSE, Albert** 1951–1952 Karusakaybe, der Vater der Mundurucu. *Anthropos* 46–47 (1–3): 614–656.
- **MANIZER, G. G.** 1967 *A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821–1828)*. Edição póstuma organizada por B. X. Xprintsin. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- **MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von** 1867 *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Band 1: *Zur Ethnographie*. Band 2: *Zur Sprachenkunde*. Leipzig: F. Fleischer.
- **MONTEIRO SOARES, José Paulo, e FERRÃO, Cristina** 2005 *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. *Coleção Etnográfica*. 3 volumes. Petrópolis: Kappa.
- **MURPHY, Robert F.** 1958 *Mundurucú Religion*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology 49(1). Berkeley – Los Angeles. 1960 *Headhunter's Heritage. Social and Economic Change among the Mundurucú Indians*. Berkeley – Los Angeles: University of California Press.
- **NATTERER, Johann** 1825a VIII. Transport von Cuyaba abgesendet. Effekten von Indiern und portugiesischen Indianern. Weltmuseum Wien, Archiv. 1825b Letter to Karl von Schreibers, Cuiabá, 18/25 February 1825. Weltmuseum Wien, Archiv, Natterer 18/1–4. Partly published in *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode* 115 (24 September 1825), 957–959. 1827 VIII. Waffen und Geräthschaften von Indiern und portugieschen [sic] Brasilianern von Herrn Joh. Natterer mit dem engl. Schiff Dolphins eingeschickt, im Sept. 1827 erhalten. Bestimmung des Original-Verzeichnisses von Cuyaba d. 7ten May 1825. Weltmuseum Wien, Archiv. 1831 X. Waffen und Geräthe der Indier aus Brasilien von H. Joh. Natterer eingeschickt und erhalten am 11. May 1831. Weltmuseum Wien, Archiv.
- **NIMUENDAJÚ, Curt** 1948 Cayabi, Tapayuna and Apiacá. In: Julian H. Steward (Hg.), *Handbook of South American Indians* 3 (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143/3; Washington, DC: Smithsonian Institution), 307–320.
- **OSCULATI, Gaetano** 1854 *Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni*. Milano: Fratelli Centenari.
- **PELZELN, August von** 1871 *Zur Ornithologie Brasiliens. Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835*. Wien: A. Pichler's Wwe & Sohn. [http://www.archive.org/stream/zurornithologieb00pelz/zurornithologieb00pelz_djvu.txt]
- **SCHLOTHAUER, Andreas** 2012 Am3453 – die älteste Kopftrofäe der Mundurucu in Göttingen. *Kunst&Kontext* 03: 34–39.
- **SCHMUTZER, Kurt** 2011 *„Der Liebe zur Naturgeschichte halber.“ Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817–1836*. Veröffentlichungen der Kommission für Geschichte der Naturwissenschaften, Mathematik und Medizin 64. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- **SEPÚLVEDA DOS SANTOS, Myrian** 2014 Naturalists in Nineteenth-Century Brazil. In: Christian Feest (ed.), *Indigenous Heritage. Johann Natterer, Brazil, and Austria* (Archiv Weltmuseum Wien 63–64), 38–59.
- **SPIX, Johann Baptist von, und MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von** 1823–1831 *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht* [...]. 3 part, 1 atlas. München. [Photomechanic reprint, edited by Karl Mägdefrau, Quellen und Forschungen zur Geschichte der Geographie und der Reisen 3. 4 vols. Stuttgart 1967–1980: Brockhaus.]
- **ŠPRINCIN, N. G.** 1950 Indejsy apiaka. Iz materialov pervoj ruskoj ekspedicii v Juž nuju Ameriku. *Kratkie soobshchenija Instituta Etnografii, Akademija Nauk SSSR* 10: 84–96.
- **TEMPESTA, Giovana Acácia** 2009 Apiaká. [<http://pib.socioambiental.org/en/povo/apiaka/print>]
- **VON DEN STEINEN, Karl** 1899 Indianerskizzen von Hercules Florence. *Globus* 75: 5–9, 30–35.
- **ZERRIES, Otto** 1980 *Unter Indianern Brasiliens. Sammlung Spix und Martius 1817–1820*. Innsbruck: Pinguin – Frankfurt am Main: Umschau. 1981 *Die Federn der Mundurucu. Expertise. Ärztezeitung für Sammeln, Kunst und Kultur* Juni 1981: 27–29.
- **ZIMMERMANN, Josef** 1963 Die Indianer vom Curucuru. *Bonner Geographische Abhandlungen* 33. Bonn.